

A ELEIÇÃO DE DILMA ROUSSEFF NAS CARTAS DE LEITOR DAS REVISTAS CARTA CAPITAL, VEJA E ÉPOCA

*Débora Maria de Melo Leão

**Juliane Maria de Menezes

RESUMO

Com o objetivo de analisar o comportamento da mídia em relação a um fato histórico e inédito como foi a eleição da primeira mulher à presidência do Brasil, Dilma Rousseff fez-se um recorte entre três revistas de circulação nacional. Delas foi possível compreender marcas lingüísticas e estratégias textuais que, em boa parte dos casos, transmitem a ideologia das empresas midiáticas analisadas. O gênero textual escolhido foi a Carta do Leitor – um espaço destinado a opiniões, dúvidas, sugestões, críticas e outros comentários pelos consumidores das revistas. Para a o trabalho foram utilizados como embasamento teórico concepções de análise do discurso por Dominique Maingueneau, o fenômeno de preservação das faces e a análise crítica do discurso por Norman Fairclough. Foi observado como cada empresa jornalística usa as questões políticas para selecionar as suas cartas.

Palavras Chave: Política, Discurso, Cartas do Leitor, Dilma Rousseff, Revistas

*Graduanda em jornalismo

Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: deb_leao@hotmail.com

**Graduanda em jornalismo

Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: julianemenezes@gmail.com

1. Introdução

No dia 31 de Outubro de 2010 houve eleições presidenciais no Brasil. Este fato naturalmente já seria notícia em todos os veículos midiáticos nacionais. Mas foi também o dia da eleição da primeira mulher para o cargo de presidente da república, Dilma Rousseff. Trata-se de um fato histórico e inédito para a sociedade brasileira. Foi feita uma análise quanto ao comportamento da mídia em relação ao fato no gênero carta do leitor.

Letícia Gritti considera algumas bases para entender o surgimento desse gênero e sua relação com a carta ao leitor.

“o gênero “carta do leitor” se desenvolveu a partir da esfera da atividade humana do jornalismo escrito na qual especificamente há o suporte revista.”
(GRITTI, 2010)

A “carta” é concebida, de maneira geral, como uma comunicação entre duas partes, sejam elas individuais ou coletivas, institucionais ou pessoais. Em ambos os casos, ela apenas interessa aos receptores e destinatários, que possuem direito ao sigilo das informações. Gêneros derivados deste continuaram surgindo:

Devido à dinamicidade dos gêneros discursivos em função das necessidades sócio-culturais de nossa sociedade, o gênero carta originou outros gêneros - uma diversidade de cartas - como a carta familiar, a carta íntima, a carta de amor, a carta circular, a carta propaganda, a carta aberta, a carta de solicitação, a carta de reclamação, a carta ao leitor, a carta do leitor, dentre outras. (CECILIO; RITTER, 2010, p. 2061)

Para a análise foram consultadas três revistas de circulação nacional e conteúdo de temas gerais. Foram elas: CartaCapital, Época e Veja. Foi feito um recorte sobre a seção de correspondência sobre as revistas que saíram imediatamente ou pouco depois do resultado das eleições presidenciais brasileiras de 2010 e que tratassem desse tema. Foram selecionadas três cartas de cada revista para análise.

2. A carta do leitor como ato de linguagem legítimo

Um ato de linguagem, ou em um nível mais complexo, um gênero, de acordo com Maingueneau (2008), encontra-se submetido a um conjunto de condições de êxito, que envolvem elementos de ordem diversa. Assim, as cartas do leitor apresentam:

a) Uma finalidade reconhecida: Estabelecer a comunicação com a revista, buscando uma interação e a exposição de suas opiniões. Assim, o leitor se legitima por possuir um espaço em que possa ser lido pelo grande público, ao mesmo tempo em que a revista ganha por conquistar um público fidelizado. Essa legitimação pode se dar também não só na escolha das cartas que são convenientes, como também no recorte escolhido ou modificações ao tentar resumi-las, pois nem sempre há espaço disponível para publicá-las por completo. Assim como diz Bezerra (2002, p. 211 apud CECILIO; RITTER, 2007, p. 2066):

Por razões de espaço físico da seção ou por direcionamento argumentativo (em prol da revista/jornal), podem ser resumidas, parafraseadas ou ter informações eliminadas. O que acaba por configurar-se como uma carta com co-autoria: o leitor, de quem partiu o texto original, e o jornalista, que o reformulou.

Além disso, ela assume a comunicação direta com a revista, mas seu intuito é de que seja lida por todos, diferenciando-a das cartas tradicionais.

b) O estatuto de parceiros legítimos: Segundo Maingueneau, nos diferentes gêneros de discurso, devem-se reconhecer os papéis assumidos pelo enunciador e co-enunciador (enunciatário). No caso, a pessoa que escreveu a carta está no papel de autor, e ao mesmo tempo leitora da revista, visto que as cartas comentam reportagens de edições anteriores;

c) O lugar e o momento legítimos: A seção existente nas revistas dedicada a elas, e são publicadas normalmente uma edição após a reportagem a qual ela se refere. Em assuntos de grande repercussão, onde o volume de cartas é muito grande, algumas vezes as revistas seguem publicando em algumas edições seguintes também;

d) Um suporte material: O mesmo no qual a reportagem foi publicada, ou seja, o espaço da revista;

e) Uma organização textual: São textos curtos, com predomínio de frases curtas. Devido ao pequeno espaço, os autores das cartas buscam expressar opiniões fortes de forma bastante sintética e persuasiva.

3. A seleção das cartas e a preservação da imagem da revista

De acordo com Maingueneau, por ser também uma relação social, a comunicação verbal está submetida às regras da polidez. Estabelecer a comunicação

com outrem é, por si só, uma invasão de seu espaço pessoal. Esses fenômenos estão integrados na teoria “das faces”, desenvolvida desde o final dos anos setenta por P. Brown e S. Levinson.

De acordo com o modelo, todo indivíduo possui duas faces: a negativa, que corresponde ao espaço de cada um, e a positiva, que é a própria imagem que cada um pretende mostrar de si como forma de representação social. Dessa forma:

“Visto que uma mesma fala pode ameaçar uma face com o intuito de preservar uma outra, os interlocutores são constantemente levados a buscar um acordo, a negociar. Eles devem efetivamente procurar um meio de preservar suas próprias faces sem ameaçar a de seu parceiro.”
(MAINGUENEAU, 2008, p. 39)

Esse fenômeno ganha papel fundamental no gênero carta do leitor. O autor precisa ser bastante polido, pois sua divulgação depende de uma seleção. A revista provavelmente não veiculará cartas que manchem sua face positiva.

Por isso, muitas das cartas apresentam elogios à publicação pela sua suposta competência e ética. Na maioria, elas concordam com o ponto de vista seguido pelo veículo, embora contem com outras opiniões. Essa postura termina por favorecer a face positiva das revistas, pois é interessante para elas se mostrarem imparciais e representativas da opinião pública. As críticas à edição só aparecem se forem sutis e construtivas, mostrando um compromisso com o leitor.

4. Análise: CartaCapital

A seção dedicada às cartas dos leitores é chamada Cartas Capitais. A edição que saiu no dia 1º de Novembro, imediatamente após a apuração das urnas foi citada nas edições posteriores. Na edição 621 há cartas como as de Raquel Helena Nogueira, de Joinville, Santa Catarina que escreveu:

“Não sou assinante, compro CartaCapital esporadicamente, contudo, é a única revista semanal que realmente fala a verdade. Hoje tomei a coragem de escrever pois estou muito feliz por ter votado na presidente Dilma Rousseff, por acreditar na continuação dos programas do atual governo, por ter uma mulher como presidente. Sei que ela é muito competente e saberá conduzir este país maravilhoso. Sou da classe C e os dois mandatos do presidente Lula melhoraram muito minha vida. Hoje posso ter acesso a bens de consumo.”

O texto se apresenta bastante hegemônico à medida que é taxativo e sem a presença de moderadores da linguagem (ao menos no que se refere à opinião política da leitora), discutidos pela Análise Crítica do Discurso e explicada por Fairclough (p.199), segundo o qual os moderadores podem ser “provavelmente, possivelmente, mais ou menos” e etc. “É a única revista semanal que realmente fala a verdade” ou “Sei que ela é muito competente” fazem parte da certeza da leitora que vê na revista uma fonte de credibilidade jornalística. O moderador “esporadicamente” refere-se à frequência com que a autora da carta lê CartaCapital.

Outra carta de leitor, na edição 622, escrita por João Evilásio Gomes de Barbacena, MG. faz diversos elogios à presidente eleita. Para isso, ele se utiliza de metáforas e inversões de “sujeito” e “predicado” destacando as qualidades de Dilma Rousseff. Assim, as características ganham destaque e criam uma espécie de aura sobre a nova presidenta.

“Ela veio da classe média alta, idealista, guerrilheira nos anos de chumbo, ajudou a combater de corpo e alma a cruel ditadura que arruinava o país. Entre outras colegas não foi simplesmente presa, mas jogada numa cela e torturada. Seu nome é Dilma Rousseff, eleita presidente do Brasil e futura comandante da maior economia da América latina. Segundo a revista Forbes, Dilma é a 16ª pessoa mais influente do mundo. Mas onde estão os torturadores de Dilma? Quem foram os mandantes?”

Além da inversão há nessa carta idealização da figura da presidente eleita. Pode-se dizer inclusive que há uma intergenerecidade presente visto que a forte contextualização presente no início do texto não pertence ao gênero carta. É mais adequado ao gênero (ou tipo textual, para alguns autores) narrativo. O autor teve essa intenção juntamente com a de mostrar os pressupostos de que lutar contra a ditadura seria algo louvável e merecedor de respeito. Em seguida, o trecho que diz ser Dilma a 16ª pessoa mais importante do mundo usa um claro discurso de autoridade, em relação a uma outra revista, norte-americana de prestígio internacional.

Uma carta escrita por João Jerônimo Monticeli assume o caráter ideológico da revista em questão. CartaCapital é conhecida pelo seu posicionamento explícito pró-Lula e pró-Dilma. Além disso, também costuma criticar a maior parte da mídia por comportamentos antiéticos. Uma das revistas que mais disputam contra a CartaCapital é

a Veja – cuja fundação foi feita pelo próprio Mino Carta (atual dono da CartaCapital) que teria saído daquela por questões político ideológicas em 1978.

“Muitos são os significados da eleição de Dilma. Um deles é que a oposição, com seus aliados na mídia, continuarão em dificuldades para desconstruir a imagem e o grande prestígio do presidente Lula. Ao ver a capa de uma revistinha desta semana posso imaginar o que aconteceria caso José Serra fosse eleito.”

É justamente à revista Veja que é feita uma menção implícita através de uma ironia com depreciação à sua figura através do termo “revistinha”. Na semana citada a capa da Veja havia saído com uma caricatura do presidente Lula de forma pejorativa. A crítica implícita referente à Veja é a de não assumir sua posição e insistir no título de imparcial. A frase “posso imaginar o que aconteceria caso José Serra fosse eleito” leva o pressuposto de que seria uma capa com mais destaque – e de forma positiva ao candidato derrotado. E esse pressuposto corrobora para a ideia na carta de “oposição, com seus aliados na mídia”.

Um ponto interessante presente nas cartas da revista CartaCapital é que a extrema maioria de correspondências vieram de pessoas do sul ou sudeste do país. Aparentemente sem relevância significativa, essa seleção pode ser associada a uma tentativa da revista em quebrar um pressuposto (ou preconceito) partilhado por boa parte da população. Várias pesquisas e reportagens durante a campanha eleitoral indicavam que os favoráveis a Rousseff estariam concentrados nas regiões norte e nordeste. Com esses destaques a revista dá uma unicidade ao país em torno da candidata.

5. Análise: Época

De forma discreta a revista Época publicou apenas três cartas referentes à eleição de Dilma Rousseff. Duas delas foram em oposição ao resultado das eleições. A outra foi publicada por Evany Helena Rodrigues de Ribeirão preto, SP. Não fica claro o posicionamento da autora em relação à candidata vitoriosa, porém, só é ressaltada uma qualidade, inata, da presidente eleita. “Peço que Dilma governe este país como mulher,

pois nós, mulheres, assumimos o comando devidamente acompanhadas de nossos mais intensos sentimentos. Priorizamos o sucesso coletivo e a realização de um bem maior”

Outra carta, escrita por Alexandre Machado de Vila Velha, ES dizia:

“Os petistas adotam um tom raivoso quando falam de oposição. Exemplo maior veio do próprio presidente Lula , quando disse que o DEM teria de ser “exterminado”. Assusta-me que um presidente eleito democraticamente use essa mesma prerrogativa para impor suas idéias, em detrimento das necessidades do seu povo. Espero que, ao chegar ao poder, nossa presidente não atente contra a democracia que a elegeu.”

Esse texto faz uma generalização e uma ironia decorrente dela. Ao afirmar que “os petistas adotam” um tipo de comportamento, a presidente eleita se insere nesse grupo por fazer parte do partido citado. É uma afirmação do autor. Ao dizer que ele “espera” um determinado comportamento por parte da presidente ele põe duas sentenças em oposição. Daí surge a forte ironia desse texto. Ele não “espera”, ele tem certeza, e termina a carta com um questionamento retórico.

A terceira carta também adota um tom irônico radical contrário a eleição de Dilma Rousseff, mas, desta vez, a generalização fica ainda mais forte visto que nem o nome da presidente é citado diretamente. Ela faz parte de um grupo com características categóricas. Foi escrita por Claudio Chaves de Manaus, AM.

“Temos que acreditar que o PT passará a limpo o mensalão e aprenderá a governar sem o nepotismo e o assistencialismo que vigoraram nestes últimos anos. Precisamos crer que um laço com Hugo Chávez está fora do pensamento de quem comanda o palácio do planalto. Vamos crer que será uma etapa de crescimento sem revanchismo e sem a arrogância típica de governos populistas.”

Esse texto pode ser dividido em três momentos. Todos começam com a semelhante sentença de “Temos que acreditar”; “Precisamos crer” e “Vamos crer”. Essa repetição não é aleatória, depois delas há uma série de coisas vistas pelo autor como negativas em relação ao PT. Mais uma vez há a contra-posição entre termos opostos. A ironia fica perceptível pelo fato de as características negativas estarem em clara vantagem e sem uma sequência lógica.

Pelo fato comum entre as três sentenças os pontos negativos dos petistas seriam o “assistencialismo”, o “populismo” e a relação com Hugo Chávez – presidente

da Venezuela considerado ditador populista antidemocrático. Mas há uma inserção de outros termos como “mensalão”, “revanchismo” e “arrogância”. Adicionados a isso, há a locução verbal “passará a limpo” e o verbo sugestivo “aprender” relacionado diretamente ao “governar”.

A impressão geral dada à eleição de Dilma Rousseff pela revista Época é negativa. Além da minimização do fato quantitativa e espacialmente na revista, a seleção das cartas trouxe textos radicais e irônicos.

6. Análise: Veja

As cartas analisadas que constam na Revista Veja foram referentes à edição extra, intitulada Dilma Presidente, que foi vendida juntamente a um exemplar regular da revista. Uma delas foi escrita por Edna Umbelino de Sabará, MG e dizia: “Continuem fiscalizando, mantendo a isenção jornalística, afinal é esse o papel da imprensa. Espero que o mandato de Dilma Rouseff proporcione boas reportagens. Essa mulher de fibra é um orgulho e exemplo de que ‘a mulher pode’.”

Apesar de a revista implicitamente ter apoiado o candidato opositor José Serra, eles dão destaque nesta edição a uma carta que elogia Dilma Rousseff, colocando sob um fundo cinza e usando letras grandes e em negrito. Entretanto, ela se inicia marcadamente elogiando o profissionalismo da Veja, favorecendo sua face positiva. Ao pedir que ela “mantenha a isenção jornalística”, a leitora reafirma a revista como imparcial, embora muitos brasileiros não compartilhem da mesma opinião. Além disso, Edna Umbelino pede que a revista continue fiscalizando, atribuindo à publicação um importante papel social.

“Para alguns, foram oito anos de estado-pai. Agora, mais quatro anos de estado-mãe. Logo, mantenham os bolsos abertos, pois a mesada continua. Cabe aos 44% dos brasileiros que não votaram no PT, juntos com as instituições do bem – entre elas a imprensa -, sermos críticos como “nunca antes nesse país”.”

A principal marca desta carta, escrita por Marcos Atentar do Rio de Janeiro, RJ é o uso da ironia. Em diversos momentos da campanha de Dilma Rousseff, ela foi referida por Lula como uma mãe para os brasileiros, o que daria continuidade à sua postura de pai, figura popular que é, tendo atingido o status de herói para muitos

brasileiros. Entretanto, quando o autor da carta referencia o presidente e sua candidata dessa forma, seguido da alegação “mantenha os bolsos aberto, pois a mesada continua”, ele satiriza o projeto Bolsa Família, criado durante o governo Lula. Ele trata seus eleitores como crianças, que precisariam receber dinheiro do pai e por isso ficam mal acostumadas. Este argumento foi recorrente entre pessoa que discordam desse tipo de política social.

Ao final da carta, a expressão “nunca antes nesse país”, eternizada por Luís Inácio Lula da Silva, foi retomada pelo autor da carta na forma de citação de autoridade. Mas essa autoridade é ironizada, pois ele usa a expressão ao convidar as pessoas que não votaram na candidata apoiada por ele e as instituições de bem, incluindo a imprensa, a serem críticos com o novo governo. Esse mesmo texto reflete uma visão maniqueísta por parte do leitor, que atribui o bem e o mal a diferentes pessoas e instituições, e uma crença quase religiosa na imprensa, dando à revista o status de “reveladora da verdade”.

“Apesar de sermos diferentes, formamos uma mesma nação. Espero que a presidente eleita, Dilma Rousseff, não repita os erros do antecessor. O populismo e a demagogia só servem para nos desunir. Somos um país democrático. A decisão do povo é soberana e tem de ser respeitada.”

Esta carta escrita por Thiago Andrade de Recife, PE revela uma opinião moderada por parte de seu autor. Embora ele claramente não concorde com a eleição de Dilma Rousseff, ele torce pelo sucesso da candidata, pois “formamos uma mesma nação”. Além disso, ele é a favor de que a decisão do povo seja respeitada, reafirmando pela escolha da capa a face democrática que a revista quer mostrar. No entanto, ainda assim é feita uma crítica sutil ao seu antecessor, que apoiou sua candidatura, ao afirmar que espera que ela não repita os erros do antecessor. Critica as posturas, segundo ele, populistas e demagogas do presidente.

De maneira geral, as cartas dos leitores selecionadas pela revista Veja representam diversos pontos de vista. Entretanto, entre as que defendem a candidata, há sempre outros aspectos que se sobressaem: elogios à revista, críticas indiretas ao governo Lula e corrupção, expectativas pelo fato de ela ser a primeira mulher eleita presidente do Brasil. Já as cartas que a criticam, são bem mais densas e severas. Há o uso da norma padrão e culta da linguagem, revelando não só que os leitores possuem

alto grau de escolaridade, mas também querem mostrar autoridade, dando credibilidade ao que dizem.

7. Considerações Finais

É possível estabelecer uma comparação significativa entre os três veículos analisados e perceber que as ideologias das empresas jornalísticas influenciam suas seleções no gênero da Carta do Leitor de maneiras diferentes, conforme atentem suas necessidades. Porém, também se pode notar a abertura relativa de algumas empresas em relação à opinião de seus leitores.

A revista CartaCapital assume seu posicionamento abertamente em favor da candidata petista. O mesmo posicionamento está explícito nas cartas de leitores selecionadas para publicação. No entanto, além disso, uma crítica à mídia “nativa”, sempre presente nas edições da revista também são refletidas nessas cartas. O ponto em destaque quanto a CartaCapital é a tentativa de quebrar o estereótipo da candidatura petista ao norte e nordeste brasileiros.

Por sua vez, Época abordou o tema de forma diferente das demais – mais discreta. As referências relacionadas à presidente recém-eleita são cautelosas, ou, até mesmo irônicas. Os leitores revelam uma preocupação com o futuro governo e desejam que Dilma Rousseff saiba conduzir bem – apesar de ser petista. Há um pressuposto de que essa não seria a melhor escolha dos brasileiros mas que, democraticamente, deve ser respeitada. Veja trouxe uma edição extra sobre a eleição presidencial. Ao contrário de CartaCapital, ela não se posiciona abertamente a favor ou contra um candidato mas deixa implicitamente sabido que possui um comportamento contrário tanto ao governo Lula quanto à candidatura de Dilma Rousseff. Para garantir um comportamento jornalístico mais ético ela dá espaço para leitores que elogiam a ex-ministra. No entanto, mesmo estas cartas estão carregadas de elogios à própria revista. Há uma tentativa de manter uma imparcialidade que não corresponde com o comportamento linguístico da revista.

Os posicionamentos das três podem ser analisados através dos marcadores linguísticos e de suas abordagens quanto aos temas. Nenhuma das três revistas possui um comportamento totalmente imparcial, mas suas diferentes abordagens provocam diferentes influências sobre os leitores. O gênero “carta do leitor” repassa uma ideia de

que a voz é da população e não necessariamente da revista. Mas a seleção das cartas, a quantidade e o espaço dado a elas constituem sim um posicionamento de cada uma delas.

É importante que os veículos jornalísticos deem voz ao maior número possível de opiniões. Sabe-se que a imparcialidade é impossível de fato, mas é possível que a influência sobre a opinião do público leitor seja mais democrática dependendo da abordagem mais transparente da mídia sem deixar de mencionar a capacidade cognitiva dos leitores em saber filtrar as informações recebidas pelos veículos midiáticos.

8. Referências

CARTACAPITAL, n.621. São Paulo: Ed. Confiança. 01 nov. 2010

CARTACAPITAL. n.622. São Paulo: Ed. Confiança. 07.nov.2010

CECILIO, Sandra Regina; RITTER, Lillian Cristina Buzato. Leitura e análise linguística: carta do leitor na Revista Ciência Hoje das Crianças. In: **Celli – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários**. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 2059-2069.

ÉPOCA.n.651. São Paulo: Ed. Globo. 03.nov.2010

FAIRCLOUGH, Norman **Discurso e mudança social** - Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2001.p.199.

GRITTI, Letícia Lemos. **Análise do gênero carta ao leitor da revista Veja sob a perspectiva de Bakhtin**. Revista de divulgação científica em língua portuguesa , linguística e literatura. Ano 06. n.13. 2º semestre de 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 5. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

VEJA. , n. 2190São Paulo: Ed. Abril, 10 nov. 2010